

GÊNERO E FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO UNIFACEX

Alison Ayrton Nascimento Reis (Autor); Francisco Fernandes Machado da Silva Junior (Co-Autor); Claudia Karolayne dos Santos Lima (Co-Autor); Mylena Teixeira do Nascimento (Co-Autor); Moaldecir Freire Domingos Junior (Orientador)

Centro Universitário Facex - UNIFACEX

Resumo: Quando o assunto é futebol de maneira geral, culturalmente associamos a uma figura masculina como representante dela. Levando esta problemática ao contexto escolar, vemos que essa questão sobre gênero e futebol pode ser pensada nas aulas de Educação Física. Assim, nosso objetivo geral foi relatar uma sequência pedagógica realizada pelo PIBID de Educação Física do Unifacex, tratando sobre o tema de gênero e futsal/futebol, com os objetivos específicos de promover e debater sobre a inserção da mulher no futebol e experimentar os movimentos básicos do futebol. Para tanto, temos a etnografia educacional como metodologia de pesquisa, uma vez que essa metodologia permite a inserção do pesquisador no campo de estudo e envolver-se com o grupo estudado; a aula torna-se um laboratório de reflexão sobre a interação entre os estudantes e o professor. Como técnica de coleta de dados, utilizamos a observação participante e o diário de bordo relatando as observações e nossos encontros pedagógicos. Para isso, foram realizadas observações das aulas com o supervisor de campo para conhecimento das turmas, bem como do ambiente escolar e traçar juntos um planejamento. As aulas foram aplicadas nos dias 01,08 e 09 de junho de 2017 nas turmas de 8ª série do ensino fundamental a 1º ano do ensino médio. Como resultados das observações, pudemos perceber a exclusão da mulher nas situações de futebol. Dessa forma, nossas intervenções foram planejadas no intuito de fomentar essa reflexão sobre a participação da mulher no futebol. As intervenções pedagógicas resultaram não apenas em discutir sobre a participação da mulher no futebol, mas sobre a participação de todos. A partir das aulas abertas sobre a prática do futebol e das discussões dos textos sobre a história da mulher no futebol, notamos uma participação maior das mulheres nas aulas de Educação Física, demonstrando seu interesse nessa prática corporal, ao mesmo tempo, que vimos o quanto os homens excluem as mulheres, afirmando que futebol é violento e só deve ser praticado por homens. Cada aula terminava com um momento de reflexão, onde debatíamos sobre essa tensão entre homens e mulheres no futebol. Depois dessas aulas, conseguimos fomentar uma reflexão que sensibilizou as turmas envolvidas nesse projeto. Por fim, podemos concluir que o PIBID alcançou um triplo objetivo: 1) de desmistificar no que diz respeito a participação da mulher no futebol, 2) fomentou uma reflexão sobre a atuação do supervisor de campo sobre aulas de futebol e 3) propicia aos bolsistas do Pibid uma formação inicial em Educação Física conectada diretamente ao cotidiano escolar.

Palavras-chave: Futsal, Gênero, Pibid.

INTRODUÇÃO

“Brasil, o país do futebol” (sic). Desde tenra idade vemos nos noticiários as glórias e conquistas do imenso país tupiniquim no futebol. Pelé, Ronaldo, Cafú, entre tantos outros, são nomes corriqueiros lembrados pelos brasileiros em suas conversas

no dia-a-dia sobre a modalidade, porém, vemos um lado esquecido nessa paixão nacional.

Quando conversamos sobre o futebol de maneira geral, culturalmente associamos uma figura masculina como representante dela e os vários nomes dos grandes jogadores surgem rapidamente. No entanto, em detrimento à parte feminina que joga futebol, não há uma divulgação de massa, como é o caso da invisibilidade jogadora Marta da seleção brasileira (JANUÁRIO, 2017).

Levando esta problemática ao contexto escolar, vemos que essa questão sobre gênero e futebol pode ser pensada nas aulas de Educação Física. É comum os meninos sendo mais atuante nas aulas da referida componente com relação ao conteúdo futebol, sendo assim as meninas ficam isoladas olhando a aula ou jogando outro tipo de modalidade que socialmente é considerada de modo geral feminina (BRASIL, 1997).

No entanto, não podemos ter tais práticas como exemplo e justificá-los como a maneira mais correta de se trabalhar o conteúdo esportes/futebol dentro da escola. Vemos que a Educação Física tem grande papel no processo de desmistificação dos padrões de gênero no futebol, principalmente quando apropriados em estudiosos da nossa área, por exemplo, Goellner (2003; 2005).

Vale frisar que as recomendações sobre a participação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física são discutidas também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Da época do PCN, os temas transversais, como Orientação Sexual, devem ser tratados em qualquer componente curricular de forma contextualizada e significativa para os estudantes da Educação Básica.

Dada a relevância da temática, o objetivo geral deste trabalho foi relatar uma experiência pedagógica realizada pelo Pibid de Educação Física do Unifacex que abordou sobre o tema gênero e futebol/futsal. Assim, nossos objetivos específicos foram debater sobre a inserção da mulher no futebol e experimentar os movimentos básicos do futebol. Esse relato de experiência ocorreu na Escola Estadual Walfredo Gurgel, localizada na cidade do Natal/RN.

PENSANDO SOBRE A PRESENÇA DA MULHER NO FUTEBOL BRASILEIRO

Futebol paixão mundial, um esporte de massa difundido em todo mundo e com milhões de amantes no Brasil. Já foi e ainda é para boa parte da população mundial e em especial para sociedade brasileira, um esporte transformador de sonhos e da nossa cultura.

No seu primórdio no Brasil, o futebol era um esporte para diversão da elite, pois todo

material era importado, mesmo podendo ser jogado em qualquer lugar e com qualquer material. Magalhães (2010) relata que:

Em seu primeiro momento, o futebol era definitivamente um entretenimento para as elites. Inclusive pelos altos custos, já que todo o material era importado [...] em pouco tempo, já era praticado no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde foi introduzido por Oscar Cox, que, como Miller, trouxe o futebol “na mala” em seu retorno da Europa (MAGALHÃES, 2010, p.15).

O futebol chega ao Brasil por volta de 1895, e segundo Magalhães (2010), o responsável por trazer a novidade ao país foi justamente Charles Miller, filho de um importante industrial inglês, que conheceu o futebol em sua temporada de estudos na Inglaterra e o “troux” em sua bagagem de volta. Hoje conhecido como pai do futebol brasileiro, Miller foi quem apresentou as regras do esporte o que tornou mais atrativo para a elite. Mas, ainda faltava algo para que o esporte tive mais expansão: é quanto surge importância dos clubes como ponto fundamental para promoção do futebol (MAGALHÃES, 2010).

Assim o futebol começa a se difundir por todo país e nasce vários campeonatos no decorrer das décadas, ampliando o amor da massa pelo esporte.

Mesmo com seu imenso crescimento e popularização, o futebol ainda não era para todos. Os negros, por exemplo, sofriam grandes preconceitos nos clubes elitizados, sendo impedidos de jogar profissionalmente. Um caso marcante e conhecido por todos é o de Carlos Alberto, jogador do fluminense em 1914, o qual passava pó de arroz no rosto para poder jogar pelo clube (RODRIGUES FILHO, 2003).

Não sendo diferente, com as mulheres acontecia e ainda acontece o mesmo preconceito, pois elas eram proibidas de jogar futebol. Goellner (2005) relata que no início do século XX, o discurso dos homens é que o esporte causaria a masculinização da mulher, barrando sua beleza e delicadeza, feita especialmente para gerar proles saudáveis e cuidar do lar, porém lhes eram conferidos o direito de assistir os jogos, devidamente acompanhadas de seu marido.

O esporte da época era domínio único dos homens, por haver várias concepções que ameaçavam a feminilidade e que poderiam causar instabilidade no domínio masculino, segundo Goellner (2005):

[...]havia a concepção de que o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, abrandariam os limites que contornavam

uma imagem ideal de ser feminina. (GOELLNER, 2005, p. 144).

Devido ao avanço ao crescimento urbano, a popularização do futebol era cada vez maior e mais democrática. Nesse crescimento da cidade, a mulher foi conquistando espaço na prática deste esporte, e no ano de 1921, em um jogo realizado na capital de São Paulo, houve o primeiro jogo oficial entre mulheres no Brasil, a saber: Tremembenses contra Cantareirenses (DACOSTA, 2006).

Segundo Castellani Filho (1991), durante a ditadura militar o Conselho Nacional de Desporto (CND), através da resolução número 7 de 1965, proibia as mulheres de praticarem lutas, futebol, pólo aquático, pólo, rugby e baseball. Somente em 1986 o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas do país.

Recontar, mesmo que sucintamente, esse processo histórico da mulher no futebol, tem o intuito de refletirmos sobre o preconceito da presença da mulher no futebol. Muitas vezes pudemos ver que esse preconceito foi defendido por leis ou justificado por conceitos científicos que tratam a mulher como um ser inferior ao homem. Esse arcabouço teórico também foi o que norteou os debates que descreveremos a seguir nas nossas aulas de Educação Física planejadas e aplicadas pelos bolsistas do Pibid/Unifacex em parceria com o supervisor de campo.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa etnográfica que tem por campo de estudo os modos de vida de grupos sociais. Esse método refere-se à descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo (THEÓPHILO e MARTINS, 2009). Inspirados nessa metodologia, relatamos aulas de educação física sobre a inserção das mulheres no cenário das práticas do futebol, consideramos a Educação física escolar como uma disciplina importante para ocorrer essa quebra de tabu, bem como investigar a origem dessa discriminação na sociedade brasileira.

Pensando desta forma, objetivamos esse trabalho como uma forma de relato de experiência pedagógica realizadas pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) de Educação Física do Unifacex, sob a orientação do supervisor e coordenador de área, em uma escola da rede estadual de ensino do estado do Rio Grande do Norte, ficando localizada na zona sul da cidade de Natal. Para

isso, antes das intervenções, foram realizadas observações das aulas do supervisor de campo para conhecimento das turmas, bem como o do ambiente escolar e traçar junto com o mesmo, um planejamento para as aulas que viriam a ser ministradas pelos bolsistas. O tempo de observação das aulas aconteceram entre abril e maio do ano de 2017.

Com o planejamento feito, ficou definido que o conteúdo para as aulas do segundo bimestre para as turmas de 8º ano do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio seria o de esportes com o tema futebol/futsal, sendo as aulas iniciais com o foco para a inserção das mulheres no meio futebolístico.

Definindo assim, as intervenções dos bolsistas perante as turmas aconteceram, para esta temática de aulas, nos dias 01, 08 e 09 de junho do ano de 2017 com o tema da inserção das mulheres no futebol/futsal. Vale ressaltar que englobamos essas duas modalidades esportivas por serem muito parecidas e a prática do futsal seria mais proveitosa, pois a escola conta com uma quadra poliesportiva que facilitou a realização de duas aulas práticas, a outra foi realizada dentro de sala de aula.

Para a primeira aula, realizada no dia 01 de junho, utilizamos como material pedagógico somente bolas. Para a segunda aula, foi preciso também o uso de fitas adesivas brancas para a delimitação de áreas para uma atividade. Para a terceira e última aula, foi utilizado textos colados em cartolinas para serem distribuídos aos alunos para a leitura e debate do mesmo.

GÊNERO E FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATANDO DESAFIOS

No primeiro encontro, o Pibid de Educação Física do Unifacex realizou a primeira intervenção em aula para as turmas de 8º ano do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio.

A primeira aula foi o início da sequência de três aulas com o tema sobre a inserção da mulher no futebol/futsal. Participaram dessa aula as turmas do 9º Ano “A” e “B”, 8º Ano “B” e “C” e o 1º Ano “D”.

De início, conversamos com os alunos sobre como seria essa sequência de aulas e quais os objetivos que foram traçados para as mesmas. Após isso, conversamos um pouco sobre a mulher no mundo do futebol em geral, e a partir disso lançamos algumas perguntas para os alunos, por exemplo: qual a visão deles sob a mulher no futebol, como a mulher é

vista nos espaços de lazer no bairro deles onde é praticado o futebol, se as meninas presentes praticam futebol, etc.

Ainda sobre essas perguntas, obtivemos boas respostas como de uma aula do 9º ano “B” que nos relatou que os meninos não deixam elas praticarem o esporte por dizerem que é um esporte violento e por isso ser de homem. Outra aluna relatou que nos espaços de lazer no bairro dela, as mulheres também não participam.

Passado esse primeiro momento de reflexão, partimos para um aquecimento no qual os alunos iriam se movimentar usando os fundamentos básicos do futebol/futsal. Durante essa vivência pudemos observar que os meninos, independente da turma formavam grupos separados das meninas e ficavam tocando a bola entre eles, esquecendo-se do principal objetivo dessa aula que foi a inserção da mulher. Logo que percebemos, alertamos para que eles a bola passasse por todos e também que eles se movimentassem mais. Em algumas turmas fluiu bem, já em outras a atividade continuou bem restrita apenas aos meninos que insistiram em não seguir as orientações passadas.

Em outro momento da aula, reunimos os alunos no centro da quadra e conversamos com eles sobre uma atividade em que teriam que ser formados dois grupos e cada um ficar em uma linha de fundo da quadra. A divisão ocorreu sem nenhum tipo de problemas em todas as turmas.

A atividade era uma espécie de problema para cada grupo solucionar usando a cooperação, em que eles teriam que formar um círculo e sem perder o formato desse círculo teriam que ir tocando a bola de um para o outro até o lado oposto da quadra. Num primeiro momento, deixamos que eles experimentassem na velocidade que quisessem, e após isso, os alunos pediram para que fizéssemos uma espécie de competição entre os dois grupos. Atendemos aos pedidos e em algumas turmas repetimos várias vezes essa atividade.

Reunimos os alunos no círculo central novamente, e com isso conversamos com eles perguntando como a gente poderia modificar as regras do futsal para que meninos e meninas pudessem experimentar juntos o jogo e de forma justa. Como nenhum aluno ofereceu ideias, sugerimos a eles um jogo inspirado no *Ultimate Frisbee*, em que o marcador apenas pode “cercar” o adversário sem poder tomar a bola do mesmo.

Após esse combinado de regras, dividimos as equipes e partimos para o jogo. Observando eles jogarem, percebemos ainda o individualismo por parte dos meninos, em não querer muitas vezes tocar a bola para as meninas que estavam jogando. Intervimos nisso, novamente parando o jogo e pedindo que os meninos tocassem a

bola para as meninas. Após essa intervenção o jogo fluiu bem para ambos.

Passando essa primeira etapa de experimentação do futebol para ambos os sexos, reunimos novamente os alunos numa roda final para conversar com eles e questionar sobre o que tinham achado da aula e se, com as regras modificadas o jogo ficou justo sem perder a sua “essência”. Sobre essas questões, novamente as meninas tomaram mais a frente e falaram que as regras do jogo eram justas e que foi muito gratificante para elas poderem participar, pois na maioria das vezes não aconteciam e quando aconteciam elas praticamente só corriam dentro de quadra e que esse tipo de aula era um bom tema para acabar com o preconceito existente de que mulher não pode jogar futebol.

Acabando a aula, pudemos analisar que os objetivos propostos foram atingidos ao inserirmos as mulheres no jogo do futsal, e ao partir sobre a reflexão do preconceito existente a muito tempo do porque a mulher não pode jogar o futebol ou que o futebol é um esporte exclusivamente do universo masculino.

Seguindo com a mesma temática, continuamos no dia oito de junho de 2017, com as mesmas turmas já apresentadas anteriormente. Para esta segunda aula, reunimos os alunos no círculo central da quadra e conversamos com eles novamente a respeito do processo de inserção da mulher no futebol, já trazendo algumas informações para eles, como por exemplo, nomes importantes para o futebol feminino no Brasil.

Após isso, repetimos as mesmas situações pedagógicas iniciais realizadas na aula anterior. Sobre o aquecimento realizando os fundamentos básicos, ainda pudemos observar a formação de grupos isolados só tocando a bola entre eles, mas que eram logo orientados para que se movimentassem e passassem a bola para todos.

No segundo momento da aula, decidimos continuar com o a competição dos dois círculos por que na aula anterior os alunos se mostraram bastante motivados para essa atividade, e para essa aula não foi diferente. Pedidos e mais pedidos para que fosse realizada novamente. Já que estava num clima sadio de competição, orientamos que eles criassem estratégias para que conseguissem tocar a bola mais rápido e atingissem o objetivo. Após isso, observamos que grupos criaram a estratégia de ficarem todos de mãos dadas para não perder a forma do círculo, e outros de que um aluno ficaria no centro recebendo e passando a bola para os outros colegas.

Para o terceiro momento da aula, sugerimos aos alunos que fizessemos o jogo “Totó humano”, para isso marcamos a quadra com retângulos feitos de fita crepe, porém, não foi o suficiente para que demarcássemos toda a quadra. Tivemos que

adaptar o jogo para que os alunos ficassem de mãos dadas e só podiam se deslocar lateralmente em apenas uma linha da quadra. No começo o nome “totó humano” causou certa estranheza entre os alunos, pois eles queriam de fato jogar o futsal, só que após a nossa intervenção falando que esse jogo era mais uma forma de modificar as regras para que todos participem de forma justa, eles compreenderam e realizaram com muito sucesso.

No último momento da aula, reunimos os alunos no círculo central e fizemos algumas perguntas sobre o que eles tinham achado do jogo e se alguém tinha algo a falar sobre esse processo, sobre isso, obtivemos respostas positivas. Para encerrar a aula, instigamos a todos para pesquisarem sobre o processo de inserção da mulher no futebol e no esporte de maneira geral, pois serviria como base para a discussão na aula seguinte.

Chegado dia nove de junho de 2017, última aula sobre o tema da inserção da mulher no futebol, planejamos um momento de debate com os alunos para ser discutido e compreendido o processo histórico da mulher no futebol e no esporte de maneira em geral e também a raiz do preconceito que se vê hoje em dia. Para fomentar o debate entre os estudantes, levamos um texto adaptado do artigo de Goellner intitulado “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”.

Essa adaptação do texto foi uma transposição didática que “é um ‘instrumento’ pelo qual analisamos o movimento do saber sábio (aquele que os cientistas descobrem) para o saber a ensinar (aquele que está nos livros didáticos) e, por este, ao saber ensinado (aquele que realmente acontece em sala de aula) (POLIDORO; STIGAR, 2010).

De início, pedimos para que os alunos se separassem em três grupos e daí demos um texto para cada e pedimos para que eles discutissem as ideias que nós, mediadores do debate, iríamos pedir para que cada grupo falasse um pouco de sua parte e relatasse sua opinião para a turma.

Após o tempo para leitura, pedimos que cada grupo falasse e explicasse o que entendeu para a classe. Em algumas turmas, alguns grupos não conseguiram desenvolver as ideias e a partir disso tivemos que tomar a frente e explicar o que tinha no texto. Logo após todos falarem, lançamos algumas perguntas para discussão, como por exemplo: mulher pode jogar futebol? Há alguma coisa que impede a mulher de jogar futebol? Vocês acham que esse processo de proibições que vimos no texto reflete hoje em dia.

Depois de lançadas as perguntas, esperamos ouvir a voz dos alunos, e que por muitas vezes quem tomava a frente eram as meninas, sempre tentando quebrar tabus impostos pela sociedade. E voltamos a ouvir coisas já ditas no primeiro dia de

aula, como que os meninos evitavam de jogar com as meninas, e pudemos ouvir relatos do tipo: “muitas vezes uma mulher pode jogar até melhor que alguns homens”, “o fato de uma mulher jogar futebol não quer dizer que vai torná-la masculina, e se tornar ninguém tem a ver com isso” ... e tantas outras frases foram faladas.

Esse processo do debate nos deixou muito contente, pelo fato de que os alunos participaram e deixaram mais interessantes, com exceção de uma turma na qual os alunos não quiseram participar muito da aula, tendo que nós, perguntarmos e respondermos as perguntas feitas. No mais, pudemos observar que foi compreendido a raiz do preconceito da mulher no futebol e que os alunos gostaram da forma como a aula foi conduzida, a chegar ao ponto de no final de algumas aulas, alunos chegarem para nós e pedir para que repetíssemos aquele modelo de aula no futuro.

CONCLUSÃO

Repensar a Educação Física na Educação Básica é uma missão árdua para todos aqueles que compõem essa área de conhecimento e que integra a formação humana. Como vimos, historicamente a Educação Física acentuou essa distância das mulheres do futebol, separando os meninos das meninas em suas aulas.

Atualmente, essas questões estão sendo repensadas e precisamos difundir diferentes metodologias e estratégias didáticas de tematizar o futebol nas aulas de Educação Física sem desmerecer a participação das meninas ou dos menos “habilidosos”. Essas aulas que apresentamos nesse artigo instigou não somente a presença das mulheres, mas oferecia o convite para os menos habilidosos, uma vez que o foco era o refazer o futebol, onde todos pudessem participar.

O Pibid tem uma importante presença na escola frente ao desafio de repensar a Educação Física, porque oferece ao supervisor de campo um apoio pedagógico na construção de objetivos de aprendizagens conectados à realidade dos estudantes, elaboração de materiais didáticos e diferentes estratégias pedagógicas, assessoria à textos acadêmicos que podem ser utilizados a partir de uma transposição didática, propiciando aos estudantes da Educação Básica uma reflexão sobre si mesmo, o outro e o mundo.

Além disso, os bolsistas também experimentam a participação na construção de um planejamento pedagógico de qualidade para o difícil cotidiano escolar, onde os índices de evasão do Ensino Fundamental e Médio são altos, assim como, a não participação nas aulas de educação física aumentam também por diferentes razões.

Diante do exposto, podemos concluir que o Pibid cumpre uma tripla missão: 1) oferece uma formação continuada para o supervisor de campo, 2) uma formação inicial para os bolsistas atrelada ao cotidiano escolar e 3) contribui na formação humana dos estudantes da Educação Básica ao fomentar, de forma lúdica e crítica, uma discussão sobre gênero e futsal nas aulas de educação física.

REFERÊNCIAS

DACOSTA, L. P. **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DARIDO, S. C. **Futebol feminino no Brasil**: do seu início à prática pedagógica. Revista Motriz, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

GOELLNER, S. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: Entre sombras e visibilidades. IN: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

JANUÁRIO, S. B. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. IN: **Fulia** (Dossiê Futebol e Cultura), Minas Gerais, v. 1, n.2, p.28-43, 2017.

MAGALHÃES, L. G. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

POLIDORO, L. de F; STIGAR, R. A Transposição Didática: a passagem do saber científico para o saber escolar. **Revista de Teologia & Cultura**. Edição nº 27 – Ano VI – Janeiro/Fevereiro, 2010. Acesso em: 10 Ago 2017. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/notas/a-transposicao-didatica-a-passagem-do-saber-cientifico-para-o-saber-escolar/>



RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.